



Crônica da Cidade

SIBEILE NEGROMONTE | sibeile.negromonte@gmail.com

Ainda estamos aqui

Não me considero uma pessoa invejosa. Entre os vários defeitos que coleciono, não colocaria esse no topo da minha lista. Mas se tem algo que me faz sentir inveja, sim, é de gente que escreve bem. Não me refiro a pôr as frases de forma correta e clara no papel — ou computador. Isso até acho que consigo fazer razoavelmente. Falo de quem sabe colocar sentimento e “verdade” em cada palavra que digita, mas sem cair na pieguice — meu maior medo.

Duas pessoas, nesse quesito, são referências para mim. Uma delas é minha

atual chefe, Ana Dubeux — suas crônicas, sempre lúcidas e inspiradoras, publicadas aos domingos na página de *Opinião*, são leitura obrigatória. A outra é minha ex-editora Cristine Gentil — queria muito ler com mais regularidade seus belos textos.

Faço essa enorme introdução — ou nariz de cera, como se diz no jargão jornalístico — porque queria ter o talento delas para expressar a emoção que senti ao assistir a *Ainda estou aqui*, filme dirigido por Walter Salles e brilhantemente estrelado por Fernanda Torres e Selton Mello — sem esquecer de Fernanda Montenegro, que faz uma participação especial no longa. Ela não tem uma única fala, mas proporciona uma das cenas mais emocionantes apenas com a expressão facial.

Aproveitei o feriado para ir ao cinema com os meus dois filhos. Decisão acertadíssima. Quantas lições os meus adolescentes, que também saíram da sessão emocionados, aprenderam em pouco mais de duas horas. O filme conta a história da família Paiva, tragicamente marcada pelo desaparecimento do patriarca, o ex-deputado e engenheiro Rubens Paiva, nos porões da ditadura militar.

A postura da mulher de Rubens, Eunice, figura central de *Ainda estou aqui*, diante da tragédia, é admirável. Com cinco filhos para criar, de repente, ela se viu obrigada a correr atrás para sustentar financeiramente e manter a família unida, sobretudo emocionalmente. Tudo isso de cabeça erguida e com uma elegância invejável. Detalhe: no início

dos anos 1970, Eunice, então uma dona de casa, iniciou a faculdade de direito depois dos 40 anos de idade e construiu uma bela carreira.

O longa é uma adaptação do livro homônimo do único filho homem do casal, Marcelo Rubens Paiva, e traz as memórias do escritor sobre os fatos que aconteceram quando ele tinha apenas 11 anos de idade. A atuação de Fernanda Torres é magistral, digna de Oscar — aliás, assim como a mãe foi indicada ao prêmio, em 1999, ela tem chances reais de fazer parte dessa elite. O filme é o representante brasileiro na briga pela indicação de Melhor filme estrangeiro, fato ocorrido pela última vez em 1999, com *Central do Brasil*, também de Walter Salles.

Independentemente de premiações internacionais, *Ainda estou aqui* já é

vitorioso só pelo fato de encher salas de cinema Brasil afora — se você pretende assistir ao longa, fica a dica: ou chegue cedo ou compre o ingresso com antecedência. Ainda mais se tratando de um filme nacional e que traz à luz um tema tão sensível para a história recente do país.

Como bem diz a própria Eunice em uma das cenas, mesmo que a ferida esteja aberta, não podemos ignorar os fatos que levaram à morte de 475 militantes sob a tutela do Estado, segundo dados do livro *Direito à memória e à verdade*. Isso sem falar nos milhares de presos e torturados. Vale ressaltar que esses números podem ser subestimados. Uma marca irreparável para as famílias que passaram por isso e ficaram para contar e honrar essa triste história.



Em 2010, Igor Azevedo Bomfim matou a companheira a tiros em um município da Bahia. Após alegar “legítima defesa da honra”, foi absolvido e mudou-se para a capital. Agora, teve novo julgamento e cumprirá 10 anos em regime fechado

Feminicida baiano é preso no DF

» DARCIANNE DIOGO

A história de Mayara de Souza Lisboa Azevedo, brutalmente interrompida aos 22 anos, mostra a evolução das leis nos últimos anos com a tipificação do feminicídio e expõe o quanto a impunidade na morte de mulheres era persistente. Em 2 de novembro de 2010, a vendedora foi assassinada pelo marido, Igor Azevedo Bomfim, com sete tiros quando saía do banho.

O fato ocorreu no município de Santa Rita de Cássia, a 1 mil km de Salvador (BA). Foram necessários 14 anos para que o assassino fosse preso e começasse a cumprir a pena. A ausência da punição foi baseada na tese desumanizadora “legítima defesa da honra”, julgada inconstitucional somente em agosto de 2023. Igor foi capturado na sexta-feira pela Polícia Militar no apartamento onde morava com a família, no QI 9 do Guarará 1, no Distrito Federal.

Igor se mudou para a capital federal em 2013, pouco tempo depois de ir à julgamento na Bahia e ser absolvido pelo crime bárbaro, mesmo sendo réu confesso. No Distrito Federal, levava uma vida normal, como se nada tivesse acontecido: tinha mulher, filhos, era síndico do prédio onde residia e trabalhava como professor de uma escola pública da região em contrato temporário da Secretaria de Educação (SEE-DF), onde dava aulas para alunos especiais.

Mayara e Igor mantinham uma relação conjugal de cerca de 1 ano e 8 meses e não tinham filhos. Igor, por sua vez, já tinha sido

casado com outra mulher, com quem teve dois filhos. O **Correio** obteve acesso a documentos judiciais da época que relatam o antes, durante e depois do brutal assassinato da vendedora. Segundo o inquérito policial, o criminoso desenvolveu um ciúmes obsessivo pela vítima que “extravasava os limites da normalidade”.

O professor a perseguia, desconfiava da sua fidelidade e monitorava cada passo da vítima. De acordo com a polícia, no dia do crime, em 2 de novembro de 2010, a situação se tornou insustentável depois de uma discussão em que Igor apontou uma arma de fogo para o rosto da companheira durante a madrugada. A mulher, desesperada, pediu que um amigo vigiasse a casa enquanto ela tomava banho.

Igor saiu de casa e fingiu ir embora. De maneira covarde e em posse de um revólver calibre 38, saltou o muro dos fundos da residência e alcançou Mayara no banheiro. Ainda de toalha, ela foi morta a tiros e Igor fugiu de moto até a fazenda do pai. Depois de 12 dias, o assassino se apresentou à delegacia e confessou todo o crime. Alegou que matou a jovem “em defesa da honra”.

Impunidade contestada

A tese usada pela defesa do réu foi suficiente para ele sair pela porta da frente do fórum. Hoje, inconstitucional, a tese argumentativa “legítima defesa da honra”, era usada em casos de crimes passionais para justificar atos de violência — principalmente assassi-

atos — cometidos por homens contra mulheres. A doutrina livre não só Igor da cadeia, mas muitos outros assassinos que tiraram, de maneira covarde, a vida das companheiras.

A impunidade causou revolta na cidade e levou centenas de pessoas às ruas de Santa Rita de Cássia na luta pela Justiça para Mayara. Fotos da época obtidas pela reportagem mostram os manifestantes em frente ao fórum, com faixas e camisetas com a imagem da jovem. “Mayara foi brutalmente assassinada por um ser que di-

zou amá-la. Esse crime não pode ficar impune”, constava nas faixas.

O Ministério Público do Estado da Bahia recorreu e conseguiu anular o júri. Igor aguardou o segundo julgamento em liberdade e somente em 4 de junho foi condenado, porém, continuou solto até 14 de novembro devido aos sucessivos recursos interpostos no Tribunal de Justiça do Estado da Bahia (TJBA) e no Superior Tribunal de Justiça (STJ).

O mandado de prisão por condenação transitada em julgado foi deferido pela Vara de Jurisdição Plena de Santa Rita de Cássia. A sentença a ser cumprida é de 10 anos, 10 meses e 18 dias pelo art. 121 (homicídio) qualificado.

Na sexta-feira, policiais do Batalhão de Operações Especiais dearam cumprimento ao mandado de prisão preventiva expedido pela Justiça do DF contra Igor. Preso, ele deve começar a cumprir a pena em regime inicial fechado.

Professor e síndico

Desde fevereiro de 2024, Igor pertence ao quadro funcional, se-

Material cedido ao Correio



Igor morava no Guarará e trabalhava em uma escola pública do DF. Mayara Lisboa morreu com sete tiros



gundo confirmado pela própria Secretaria de Educação ao **Correio**. No Diário Oficial do DF (DODF), o nome do assassino aparece na lista dos convocados do processo seletivo simplificado para a contratação. O edital é de 2 de janeiro de 2024. “No caso de um professor que se encontra em regime carcerário, o afastamento ocorre de forma imediata. Em caso de condenação, o registro será inserido no sistema, impossibilitando futuras convocações como professor substituto”, argumentou a secretaria.

O documento de convocação dos profissionais faz um alerta aos candidatos que, por acaso, venham a ter impedimentos judiciais ou administrativos. Esses, não estarão habilitados para serem contratados. Mas não foi o que ocorreu com Igor. A reportagem questionou o órgão quanto aos critérios de contratação e verificação de antecedentes criminais para a admissão.

Em nota, a SEEDF informou que, para esse processo, o edital exige a apresentação de certidões negativas de antecedentes criminais, entre outros documentos. Ressaltou que a documentação é analisada pela respectiva Regional de Ensino, que verifica a conformidade com os requisitos estabelecidos. “Esclarecemos que as certidões entregues integram a pasta funcional do profissional e, conforme determina a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), são informações protegidas e não podem ser divulgadas, a fim de resguardar o direito à privacidade de qualquer servidor”, finalizou.

Família de Mayanara pede justiça

» ARTHUR DE SOUZA
» RICARDO DAEHN

O corpo de Maria Mayanara Lopes Ribeiro, 21 anos, foi enterrado na tarde de ontem, em Santo Antônio do Descoberto (GO), sob forte comoção de parentes e conhecidos da vítima, que foi morta a facadas na última quinta-feira. A mãe da jovem chegou a entrar em desespero e chorava alto durante o velório.

No momento do sepultamento, ela acariciou a cabeça da filha. “O que vou falar para os seus filhos? Como alguém faz uma maldade dessas, meu Deus?”, questionou. Nenhum dos presentes no enterro de Maria Mayara quis se identificar, por estarem com

medo de Daniel Silva Vitor, 43, suspeito de cometer o crime.

Eles relataram que os filhos de Maria, de 1 e 3 anos de idade, de outra relação, vão ficar na casa de um tio da vítima. “Quando passa alguma coisa na TV, o mais novo fala que o ‘tio Daniel matou minha’. É muito triste”, afirmou o familiar. “Queremos justiça. Foi uma covardia muito grande, ainda mais por ter acontecido na frente de três crianças”, acrescentou.

Ameaças

O irmão da vítima, que preferiu não se identificar, afirmou que o casal estava junto há seis

meses, num relacionamento marcado por brigas constantes e comportamento possessivo do agressor. A família era contrária à relação e sabia que ele tinha um mandado de prisão em aberto.

Ele contou que Daniel ameaçava todos de morte. Este seria o motivo principal para que a jovem não tivesse feito nenhum boletim de ocorrência ou entrada com pedido de medida protetiva contra Daniel. Ainda segundo ele, a mãe da vítima só apareceu no enterro pois disseram que a polícia estaria no local para fazer a segurança. “Todos estão revoltados. Não só a família, mas todo mundo que conhecia ela”, comentou.

Ciúmes

Amiga próxima da vítima disse que, quando ela estava sozinha, era uma pessoa sorridente, mas, quando Daniel estava por perto, Maria Mayanara fingia que não conhecia ninguém. “Nunca vi ele ser violento com as crianças, mas dava para perceber que ele era muito ciumento. Sempre tinha outro homem por perto, ele agia de uma forma completamente diferente”, detalhou. Sobre o velório, ela disse que o clima era de desolação. “Tive que sair porque (o clima) está muito pesado. A mãe e a avó da Maria estão inconsoláveis”, relatou.

Daniel está foragido da polícia.

Morre garoto que levou choque jogando futebol

Arquivo pessoal



Morreu, na tarde de ontem, o adolescente que levou choque enquanto jogava futebol, na noite de 10 de novembro, no Centro Olímpico e Paralímpico (COP) de Santa Maria. Eduardo Costa Macedo, 15 anos, estava internado em um hospital particular de Taguatinga e não resistiu a uma parada cardíaca. O irmão de Eduardo, Luis Gustavo Costa Macedo, 21, confirmou a morte do adolescente. “Ele (Eduardo) lutou bravamente até o último momento e foi cercado por todo o amor e carinho que podemos oferecer”, ressaltou. “Agradeço imensamente por todas as orações, mensagens de apoio e demonstrações de carinho”, acrescentou.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 16 de novembro de 2024

» Campo da Esperança

Aladim Silvério Alves, 71 anos
Cláudia Verbena de Brito Dantas, 74 anos
Geraldo Ferreira da Silva, 86 anos

José Bernardo da Silva, 74 anos
Origeni José de Oliveira, 78 anos
Ozita Rodrigues de Brito, 97 anos
Paulo Elias dos Santos, 57 anos
Raimundo Paixão Almeida, 81 anos

» Taguatinga

Adalberto de Souza, 84 anos
Antônio Severino da Costa, 94 anos
Elizaine Rodrigues de Oliveira, 48 anos
Floripes Soleo, 74 anos
Judith Abreu de Oliveira Pitombeira, 93 anos

Maria Bernadete Silva Alencar, 72 anos
Mário Araújo Pinheiro, 78 anos
Perminio Oliveira Plácido, 69 anos
Vilmar Teixeira dos Santos, 49 anos
» Gama
Edson Mendes da Rocha, 56 anos

Maria Pinto de Oliveira, 82 anos
» Planaltina
Eduardo Ferreira Santana, 63 anos
» Sobradinho
Ana Carolina Leandro Castro de Amoreira Salles, 2 anos

José Gonçalves da Silva Neto, 72 anos
Mariadas Graças Tavares, 75 anos
» Jardim Metropolitano
Maria Amélia Ramos dos Santos, 66 anos